



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

A CRÍTICA DA ARQUITETURA NA DISCUSSÃO DA ÉTICA E DA ESTÉTICA: BARRA DA TIJUCA, UM ESTUDO DE CASO

AMADO MARTINS, Maria Clara

Profa. Mestre em História e Crítica da Arquitetura, Departamento de História e Teoria, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e-mail: mariaclaraam@aol.com

Praça Comandante Xavier de Brito, n. 26 apto. 401, Tijuca, Rio de Janeiro-RJ CEP. 20530-520

Tel 0(XX)2122082715

RESUMO

Os critérios que podem determinar a seleção de um tema para uma pesquisa giram em torno da importância do mesmo no contexto em que se insere. A escolha da discussão da Ética e da Estética como paradigmas da Crítica da Arquitetura confirma esta condição. A importância surge da percepção de que esta discussão pode estar se esvaziando na graduação, em um momento onde ela é cada vez mais necessária. A arquitetura contemporânea vem elegendo o “lugar” como algo intransferível, mas parece sucumbir diante de questões de gosto e de valores, o que é uma contradição. A escolha de um bairro novo e com “status” de moderno, como a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, como estudo de caso torna esta questão verossímil. Partindo desta premissa, o processo de análise está sustentado no campo teórico, primeiro na busca da atualização crítica de Bruno Zevi e Martin Heidegger e, ainda, pela subjetividade da questão, apóia-se na filosofia dos valores de Johannes Hessen e na imagem da cidade de Kevin Lynch. Como tal proposta não se encerra neste texto, alguns paralelos históricos e geográficos são tratados, assim como, a metodologia estabeleceu para o processo de análise a fonte primária, ou seja, o olhar e a vivência como instrumentos para percepção.

Palavras-chave

Crítica; Ética; Estética.

ABSTRACT

The criteria which can establish a subject's selection for an investigation are related of its importance in the context which is inserted. The choice of the discussion of Ethic and the Aesthetics as a paradigm of the architecture's criticism confirm this condition. The importance comes from the perception that this discussion can be empty itself of graduation, at the moment in which it is more and more necessary. The contemporary architecture is choosing the “place” as something untransferable but it seems to succumb in front of questions of style and values that is a contradiction. The choice of a new section with the status of modern, like Barra da Tijuca in Rio de Janeiro as a case of study, becomes this question credible. Coming from this premise the process of analysis in this case is defensible in the theoretical field, first in the search of the modernization criticism by Bruno Zevi and Martin Heidegger and also by the subjectivity of the question which is supported by the philosophy of the values by

Johannes Hessen and in the image of the city by Kevin Lynch. As this purpose doesn't finish in this text, some parallel historical and geographical are treated, as well as the methodology established the primary source for a process of analysis. The look and the life experience instruments for perception.

Keywords

Criticism; Ethic; Aesthetics.

INTRODUÇÃO

A proposta de um Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Arquitetura abre espaço para uma questão sublimar e que, às vezes, se esconde ou é tratada de maneira pulverizada: a crítica da arquitetura.

Bruno Zevi em seu texto “A ignorância da Arquitetura” de 1948¹, ao apontar para “*a dificuldade de se tratar criticamente arquitetura, limitando-a a um simples fenômeno plástico e desta forma esquecendo o que é específico da arquitetura e, portanto, diferente da escultura e da pintura, isto é, no fundo o que vale na arquitetura como tal*”, estava na verdade abrindo a discussão para uma lacuna real e prejudicial: a exigência de uma nova atitude crítica diante da arquitetura para, então, estabelecer a construção de um novo olhar.

Não há, em seu ensaio, ausência de humildade, pois reconhece historiadores e críticos que deram passos iniciais nesta direção e, do mesmo modo, identifica gerações contemporâneas a ele como cúmplices desta caminhada. A clareza de seu método é hoje reconhecida como fundamental, para avaliar a sensibilidade em relação ao lugar por parte da arquitetura contemporânea².

Através da crítica é que se retiram ferramentas para a construção de novos paradigmas visando à renovação do ensino de graduação. A análise do espaço/forma, priorizada por Zevi, abre diversos caminhos para o re-direcionamento crítico, entre eles, e, talvez o mais urgente, a relação filosófica que discute a Ética e a Estética na arquitetura.

A estética, enquanto disciplina filosófica e, com toda a subjetividade que encerra, tem sido revisitada pela arquitetura desde os primeiros anos do século XX com tal volúpia³ que, imediatamente, e em razão proporcional, faz surgir juízos valorativos os mais diversos. E este é exatamente o limite que a crítica da arquitetura encerra, porque o juízo de valor estabelece parâmetros que, por sua vez, não podem ser ignorados, principalmente levantando a discussão da ética. Como então estabelecer os limites para discussão da ética e da estética na arquitetura?

*“ O juízo recoloca as questões dos critérios e parâmetros que o tornam possível. A renúncia ao juízo pode significar uma volta à barbárie, por mais estetizada que seja. A estética remete-nos, então, à ética ”*⁴.

Como estudo de caso para este pensar crítico, foi escolhido o bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, hoje um dos espaços mais discutidos e polêmicos da cidade, que pontualmente traz a questão da crítica associada a ética e a estética.

¹ ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 9.

² MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade Superada**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p. 27. É clara a alusão de Montaner em sua crítica a importância de Zevi.

³ A historiografia da arquitetura aponta no século XX, já em seus primeiros anos, movimentos e conceitos arquitetônicos muito diferenciados entre si na formulação estética.

⁴ ROSENFELD, Denis (org.). **Ética e Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HISTÓRICO

O bairro da Barra da Tijuca está inserido na XXIV Região Administrativa da Barra e Jacarepaguá e, desde 1975, pelo Plano Urbanístico Básico do Rio, constitui a Área de Planejamento 4 (AP4).

Transfigurou-se em curtíssimo período de tempo, menos de 30 anos, de uma terra quase virgem e desabitada, em um espaço urbano dinâmico, denso e movimentado, estabelecendo um novo modo de viver para a cidade, diferente dos bairros tradicionais.

Suas origens remontam ao século XVI, quando Salvador Correia de Sá⁵, um dos primeiros governadores do Rio de Janeiro, presenteou seus dois filhos com toda a imensa sesmaria de Jacarepaguá e Barra. A história conta que a área chegou por doação até os frades do Mosteiro de São Bento em 1667, que promoveram uma ocupação lenta e gradual, entre os séculos XVIII e XIX.



Hildebrandt. Óleo s/tela, , 1844. Vista da planície alagadiça da Barra da Tijuca.

No século XIX, as terras foram transferidas para a Companhia Engenho Central de Jacarepaguá e, posteriormente, a Empresa Saneadora Territorial e Agrícola S.A, ainda hoje grande proprietária de terrenos na área⁶.

Especialmente, o bairro está situado na planície, entre o Morro da Joatinga e o início da Reserva Ambiental que liga ao Recreio. Seu marco inaugural foi o conjunto de propostas formuladas em 1969 pelo Plano-Piloto da Baixada de Jacarepaguá, de autoria do urbanista mais famoso do Brasil, Lúcio Costa.

⁵ Salvador de Sá, governou o Rio entre 1568 e 1571 e depois 1577 e 1598, teve como filhos Martin e Gonçalo.

⁶ A Empresa Saneadora Territorial Agrícola (ESTA) tem entre seus acionistas, Carvalho Hosken, Pasquale Mauro e Tjon Hiong Oei.

Nascida sob o signo da modernidade e da prosperidade, a Barra tem sido, desde o início do processo de urbanização, um dos locais mais comentados do Rio. O plano regulador de uso e de edificação do solo, do qual se originou, foi um dos poucos, se não o único totalmente estruturado, que antecedeu a efetiva ocupação urbana na cidade, mais acostumada ao avanço progressivo e pouco ou nada planejado sobre novos territórios. Mas não é apenas isto.

A Barra significou, e ainda significa, um novo modo de viver urbano representado, principalmente, por seus condomínios residenciais fechados, até então uma tipologia urbana desconhecida no Rio, com “Shopping Centers” que substituíram o tradicional comércio de rua e pistas de alta velocidade que determinam o traçado viário. Hoje, o bairro representa o ícone mais recente do Rio de Janeiro, redirecionando o crescimento da cidade, mudanças comportamentais nos hábitos da população, novas formas de apropriação e espacialização das formas urbanas.

A CRÍTICA - UMA ARQUITETURA ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

A Barra da Tijuca é o bairro com maior crescimento imobiliário nos últimos anos, o único lugar do Brasil que vem recebendo investimentos constantes há 15 anos, mesmo nos períodos de crise econômica⁷. Constitui hoje uma opção de moradia, lazer, serviços e sede de grandes empresas da cidade⁸. Percebe-se, então, uma grande produção de arquitetura, onde se desenha uma nova forma, bem distante daquele balneário dos anos 70, quase desabitado, frequentado apenas nos fins-de-semana...



Fotografia de Augusto Malta, 1908 e foto atual, 2002.

O contraste fica evidenciado através da ocupação imobiliária

As abordagens já feitas em relação à Barra da Tijuca passam, principalmente por estudos ou relatórios realizados pela Prefeitura Municipal, como o Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro (2000), e o Relatório Técnico Manguezais do Rio de Janeiro (2000) que, tecnicamente, como dados estatísticos, dão respaldo à identificação física do bairro. São materiais preparados para o município como um todo e não apenas o bairro em questão. Com relação a estudos com um olhar mais crítico, ainda que não seja específico da Barra da Tijuca, e sim sobre a cidade como um todo, vale a abordagem de Carlos Lessa, no livro O Rio de

⁷ Carlos Egon Figueiredo, diretor da Embrap –Empresa Brasileira de Avaliação Patrimonial, em entrevista ao Jornal “O Globo”, em 17/01/1999.

⁸ Grandes empresas com sede no Centro da cidade estão se transferindo para a Barra pela possibilidade de encontrar grandes terrenos e pela procura de edifícios comerciais com modernas tecnologias. Empresas como a Gafisa, a Shell Gás, entre outras multinacionais.

todos os Brasis. Uma reflexão em busca da auto-estima (Record, 2000), quando prioriza algumas características importantes do Rio, que sintetizam um pouco de cada região do País.

Mais especificamente sobre a Barra da Tijuca, temos três publicações:

- A Construção do Eldorado Urbano. O Plano – Piloto da Barra da Tijuca e e Baixada de Jacarepaguá (EdUFF – 1999), de Gerônimo Leitão. Apesar de não ter como proposta uma leitura entre ética ou estética, o autor se prende ao Plano Piloto, dá pistas sobre o interesse que o bairro desperta, como um novo “eldorado”, como o título propõe e ainda, um leve traço social do bairro.

- Os Emergentes da Barra (Relume Dumará – 1996), de Elizabeth Orsini demonstra o interesse da autora em traçar o perfil social do bairro, jovem e emergente. O livro tem o cuidado de atrelar a este termo, as diversas emergências que o mundo vem apresentando – telecomunicação, informática, mitificação da juventude, da cultura pop, entre tantas outras, deste veloz século XXI.

- A Construção do Lugar – Barra da Tijuca (Sextante, 2002) de Eliane Canedo e Ivan Pinheiro. Talvez o texto mais poético, que trata da ocupação do bairro desde os séculos XVII e XVIII, a sua expansão e ocupação atual. Um belo ensaio fotográfico, quase uma homenagem ao bairro. O último capítulo, “resistindo a ocupação”, mostra um carinho velado dos autores na observação do crescimento do bairro, como arquitetos que são, e com uma bagagem profissional de publicações sobre diversos bairros da cidade. A arquitetura é apresentada à medida que o livro se desenvolve, mas sua proposta não é analisá-la ou traçar um caminho formal e estético.

Este breve levantamento serve para mostrar a pertinência do estudo da Barra da Tijuca neste seminário, pois fica comprovado que o assunto tem sido tratado sem que se analise a sua arquitetura sob o prisma da estética e da ética. Ou seja, publicações que estabeleçam relações entre a estética da arquitetura e seu comprometimento ético. Deste modo, pode-se trabalhar com uma gama significativa de fontes primárias, o que é muito estimulante.

A fonte primária é, portanto, o caminho principal para esta abordagem, o que é bastante sedutor para historiadores da arquitetura e das artes como um todo. A pesquisa se torna importante e relevante, porque através de um olhar pessoal, é facilmente identificada uma ocupação arquitetônica sem princípios no bairro, que ao contrário de defendê-lo, agride e violenta. Aqui fica estabelecido o juízo de valor.

Ocupação desrespeitosa em todos os sentidos: no gabarito, no uso, nas questões sanitárias, na ocupação urbana, no paisagismo e, principalmente, na construção de uma estética.

O olhar pessoal não precisaria de respaldo para a produção desta pesquisa, ele é o meio e o fim da razão da obra e algumas opiniões encontradas nas publicações citadas são pistas desta preocupação, como a de que *“a imagem da região é comumente associada à dos subúrbios norte-americanos, principalmente por seus aspectos funcionais e pela morfologia das edificações, ambos muito diversos daqueles praticados até então no Rio de Janeiro...”*⁹

Mais recentemente, em 2000, a construção de um Shopping de lazer “New York City Center”, com a colocação de uma réplica da Estátua da Liberdade na fachada, levantou outras questões estilísticas. Alguns alunos da FAU/UFRJ protestaram *“contra a imitação do gosto “art deco” de Miami (USA)”*¹⁰ que a arquitetura da Barra fazia.

⁹ Eliane Canedo, no livro “Barra da Tijuca – A Construção de um lugar”, pag. 16.

¹⁰ Cerca de 100 alunos da FAU/UFRJ, fizeram um protesto pacífico na frente do empreendimento, o que gerou algumas matérias em jornais.



Referências estilísticas diversas e um gosto americanizado na reprodução da Estátua da Liberdade ,
como pórtico de um Shopping Center (fotos de 2002)

“Subúrbios americanos”, “Copacabana”, “Miami”, estas descrições levantam questões ligadas a uma reflexão formal, plástica. E que se confundem... Então, a Barra não é só um modelo americano, ou pelo menos não é típica de um “subúrbio americano”, uma vez que Miami é uma cidade - ícone do “art deco”... e diferenciada da plasticidade daqueles subúrbios citados anteriormente.

Por este ângulo a análise se amplia. Se a Barra tem alguns exemplos que lembram (?) este momento arquitetônico datado entre os anos 20 e 30, talvez um “neo art deco”, ele não é, historicamente, apenas americano. O “art deco” tem bons exemplos na França, onde surgiu o movimento. Sob este prisma, esta raiz conceitual francesa é muito bem vinda e, portanto, mais complexa que a alusão americana.

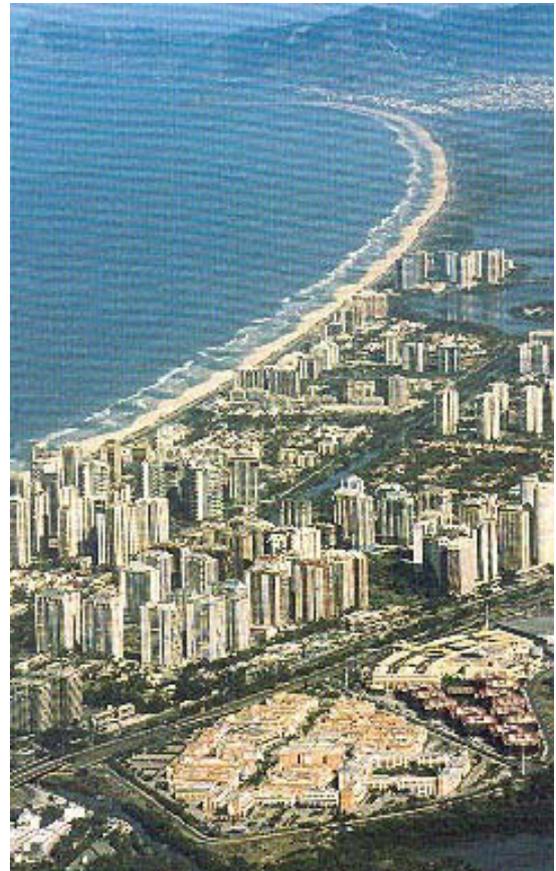
Outra citação, em artigo no jornal “O Globo”, também enriquece o assunto. O autor qualifica o Bosque Marapendi, um condomínio do bairro, como “*a Copacabana da Barra*”¹¹.

Mas, será que se justifica esta comparação com Copacabana apenas pelo gabarito elevado daquela região? Ou podemos perceber um modo de vida daquele bairro neste pedaço da Barra? Sob este prisma, a Barra da Tijuca pode ser carioca também, pois a alusão à Copacabana, um dos bairros mais tradicionais da cidade, credenciaria esta afirmação.

Quando observamos os bairros Jardim Oceânico e Tijucamar, núcleos originais, no início da Barra, com esquinas, padarias nas ruas e prédios com gabarito de 3 a 4 pavimentos, tão

¹¹ Luciana Rodrigues em “O Globo”, caderno Morar Bem, em 17/01/1999.

enaltecidos por Lúcio Costa, percebe-se de forma clara, na origem de sua plasticidade, uma referência urbanística européia¹².



Em dois trechos do bairro: uma implantação urbana novecentista no Jardim Oceânico em contraste com a alta densidade demográfica no Bosque Marapendi.

A confusão estilística do bairro já denuncia que a produção de sua estética não segue uma linha homogênea, que aponte uma direção. São muitas vocações formais, às vezes pouco criteriosas. Reflexo de um estado de ser moderno? Talvez. Ou justamente um exercício de ausência de parâmetros que leva a ausência de valores e, por sua vez a aproximação de algum juízo ético já presente?

Estas, são apenas algumas das muitas reflexões que o assunto suscita. Através do refinamento do olhar, outras questões irão surgir, e não só ligadas apenas aos aspectos formais: a Ética, a partir de agora, é o motivo desta discussão.

O embasamento teórico para auxiliar este aprofundamento exige a aproximação com a “Teoria dos Valores”, campo da filosofia que se ocupa destas questões – Ética e Estética. A busca do espírito na indagação de suas atitudes é um auto-exame em direção aos valores do homem. O estudo de Johannes Hessen, Filosofia dos Valores (Coimbra, 1974), parece ser apropriado para a pesquisa, conforme a citação abaixo.

¹² Esta implantação lembra um projeto novecentista, o romantismo do urbanismo inglês no bairro do Jardim Oceânico.

*“Vivemos numa época em que se tornou hábito falar muito em valores, mesmo fora da ciência e da vida econômicas. Expressões tais como: valores morais ou éticos, estéticos, literários, políticos,..., andam na boca de toda a gente. O vocábulo tornou-se banal...”*¹³

A Ética é premente neste assunto, porque se apresenta, em vários momentos relacionada à produção arquitetônica. Por exemplo, a construção do “Shopping Down Town” foi cercada por polêmica. Sua implantação em um terreno considerado reserva ambiental através de proteção federal, por possuir uma vegetação de restinga, foi contestada na justiça. Depois de uma sucessão de liminares, a construção foi realizada.

Em nome de que ou de quem é permitida a devastação de uma área de vegetação que está preservada por ser importante para o equilíbrio ecológico daquele ambiente? Em nome da boa arquitetura não o é, com toda a certeza.

Os “Apart-Hotéis” na Av. Sernambetiba, à beira mar, também se apresentam envoltos em discussão de gabarito e dimensionamento. Questionou-se também a inadequação da obra ao bairro, considerando os sérios problemas de esgotamento sanitário que apresenta, e que ainda não foram resolvidos. Com relação aos “aparts”, no princípio, obras embargadas, hoje, obras concluídas.

E assim, o perfil formal do bairro está sendo desenhado, segundo valores impostos por uma ética especulativa. Não surpreende a afirmação de Lúcio Costa, em suas memórias escritas, de que da Barra da Tijuca só quer lembrar *“de uma caixa d’água que projetou”*¹⁴.

Em todas as entrevistas que deu era visível o desapontamento sobre os rumos que deram ao seu Plano Piloto da Barra. Nem tudo ocorreu como desejado e projetado pelo urbanista. O adensamento das edificações em alguns locais contrariou, em muito, as concepções originais. Mas, a mudez de Lúcio Costa diante de um olhar teórico de final do século XX não deve ser considerada definitiva. A atemporalidade da cidade deve ser entendida em sua transformação, como nos informa a referência abaixo.

*“O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal... Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas... A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis”*¹⁵

Este trabalho se pauta por uma abordagem crítica, uma reflexão... É realmente curiosa a busca por comparações estilísticas, que acaba levando à percepção de que a falta de identidade do bairro oculta o fato de, talvez, a diversidade ser a própria identidade.

Ainda sem ser uma opinião conclusiva, delinea-se, na personalidade arquitetônica do bairro, uma baixa auto-estima. Uma busca estética, que aponta para um ecletismo e que talvez, não valorize suas raízes. A citação a seguir, do texto “A imagem da Cidade”, colabora com as possibilidades que esta discussão apresenta.

“A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura”.¹⁶

¹³ HESSEN, Johannes. **Filosofia dos Valores**. Coimbra: Armênio Amado, 1974, pag.7

¹⁴ Depoimento de Lúcio Costa para a sua biografia “Registros de uma Vivência”. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

¹⁵ LINCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

¹⁶ Idem, ibidem

O bairro da Barra da Tijuca é hoje um dos espaços mais discutidos e polêmicos do Rio de Janeiro pelas questões que aqui se apresentam e por muitas outras que poderiam ter sido incluídas. Os construtores alteram sua paisagem quase diariamente, dificultando a avaliação de um juízo estético. Por ser um campo subjetivo, surgem várias possibilidades filosóficas.

Hessen e Lynch (apesar da distância cronológica) atrelam o discurso da cidade, sob um ponto de vista temporal, permitindo todos as interrupções, avanços e recuos estéticos e éticos, algo “*in progress*”, estabelecendo talvez, a permissividade cultural.

Por outro lado, Kant, por exemplo, submete o olhar do objeto ao olhar do sujeito, ausentando-se até do próprio objeto e estabelecendo a dualidade¹⁷. Sob este prisma a comunicação da imagem (como já vimos, repleta de historicismos) permite o exercício do juízo da ética, seja do prisma da beleza, seja do prisma da barbárie.

A idéia da sensibilidade da arquitetura contemporânea pelo lugar, identificada por Martin Heidegger, abre outro campo para reflexão. Ao afirmar que “*os espaços recebem sua essência não do espaço e sim do lugar /.../ os espaços onde se desenvolve a vida são antes de tudo lugares*”¹⁸, permite o entendimento da estética como resultante de fatores locais (geográficos, históricos e outros). Sendo assim, a ética decorrente teria que ser analisada segundo o lugar.

Mas, curiosamente, o que se vê não é o lugar impondo questões éticas ou estéticas. Um bairro mais composto de água do que de terra, rodeado por montanhas, vista para o mar e tantos outros atributos orgânicos que poderiam configurar uma obra inédita, deixa-se envolver por critérios discutíveis de ética e estética.

Considerando a complexidade do assunto, que apenas se inicia através deste ensaio, vale lembrar novamente de Zevi a exigir da crítica de arquitetura novos vetores, e não a simples limitação a um fenômeno plástico. Buscar o específico da arquitetura, suas razões, suas questões, entendê-la como tal, apenas isso. E, justamente, ao perceber a sua permanência e influência na cidade, poder enfim avaliá-la. Uma arquitetura entre a ética e a estética, eis a questão...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANUÁRIO Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Portal Prefeitura Municipal, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BERNARDES, Lysia. Rio de Janeiro – **Cidade e Região**. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Carioca/Prefeitura Municipal, 1987.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa : registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- COSTA, Lúcio. **Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969.
- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. **A cidade como um jogo de cartas**. Rio de Janeiro, EdFF, 1995.
- FRIDMAN, Fanya. **Donos do Rio em nome do Rei**. Uma história fundiária da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar e Garamond, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **Construire, abitare, pensare**. Milão: Múrsia, 1976.

¹⁷ KANT, Immanuel. **Critique of Judgement**, trad. Werner Pluhar. Indianápolis: 1987

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. **Construire, abitare, pensare**. Milão: Mursia, 1976.

- HESSEN, Johannes. **Filosofia dos Valores**. 4.ed. Trad. L. C. de Moncada. Coimbra: Armenio Amado, 1974.
- HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. 6.ed. Trad. ^a Correia. Coimbra: Armenio Amado, 1973.
- HOSKEN, Carvalho S.A. . **Barra da Tijuca, Ano 2000 – Trajetória para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Holística, 1996.
- LEITÃO, Gerônimo. **A Construção do Eldorado Urbano: o Plano – Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá**. Rio de Janeiro: EdUFF, 1999.
- LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Uma reflexão em busca da auto-estima. São Paulo : Record, 2000.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MONTANER, José Maria. **Modernidade Superada**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- ORSINI, Elizabeth. **Os Emergentes da Barra**. São Paulo:Relume Dumará, 1996.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas, CANEDO, Eliane . **Barra da Tijuca : a construção do lugar**. Rio de Janeiro:Sextante, 2001.
- PONTY, Merleau. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ROSENFELD, Denis (org.). **Ética e Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- RODRIGUES, Luciana. Era uma vez um balneário. O Globo, Rio de Janeiro, 1999, Caderno Morar Bem, pag. 1.